



CONFERÊNCIA
**ENTRE CAMPOS,
FLORESTAS E CIDADES**

CAMINHOS PARA A RESTAURAÇÃO,
BIODIVERSIDADE E PROTEÇÃO DAS ÁGUAS



POESIAS DA CONFERÊNCIA

Entre Campos, Florestas e Cidades

Este livreto reúne as poesias enviadas para a Conferência Entre Campos, Florestas e Cidades: Caminhos para a restauração, biodiversidade e proteção das águas. Os poemas premiados abrem a publicação, seguidos pelo destaque do concurso no Instagram e pelas demais obras, preservando o texto conforme registrado na planilha de submissões.

Campo Largo, Paraná • 2026

1º LUGAR

AUTONOMIA

Augustto Flavio D'Moraes

Não fui criada para vocês.

Se nascida

Se surgida

Eu, para servir?

Antes de ser nomeada

um recurso,

eu já vivia a chuva.

Ante aos mapas,

eu já orlava rios.

Ante às fronteiras,

raízes varavam a escuridão

sem pedir licença.

Vocês chegaram,

desenharam

cercas ao chão,

nomes às espécies,

preços, etiquetas nas mudas,

leis sobre aquilo

que não surgiu para obedecer.

Chamaram de natureza

o que podiam contemplar

sem ouvir.

Chamaram de progresso

o que deixava minha pele

cada vez mais cingidos ao cimento.

Nunca fui o intervalo

entre duas cidades.

Não sou paisagem!

Não sou estoque,
patrimônio
ou promessa de futuro.

Sou aquilo que continua
quando o humano se retira.

Uma semente não pergunta
se haverá testemunhas.

Um fungo trabalha no escuro.

O rio não precisa
que alguém lhe ensine
a procurar o mar.

Eu me desfaço,
recomponho,
germino,
queimo,
retorno.

Enquanto vocês discutem
quem tem direito sobre as terras,
as raízes negociam minutas geológicas com as pedras.

Enquanto nomeiam
o que deve ou não permanecer, perecer
eu invento outra forma de vida.

Não lhes devo equilíbrio.
Não lhes devo beleza.
Não lhes devo permanência.

Talvez seja isso
que ainda lhes pareça indomável:
não sou a casa de vocês.

Vocês é que são
uma pequena espécie
morando de passagem
dentro de mim.

2º LUGAR

ÁRVORE, MORTA?

Augustto Flavio D'Moraes

Ergui-me depois do fogo,
Tinta de sol e memória;
Não terminou minha história
Nem perdi vez neste jogo.
Sem adorno não me afogo,
Guardo a chuva e a semente;
Sob o concreto, silente,
Minhas raízes espalham,
E contra a pedra batalham
Qual se a terra fosse ausente.

Não sou a madeira morta,
Nem a morte que me encerra.
Há vida escavando a terra
Sob a calçadinha torta.
A raiz não bate à porta:
Deixa o silêncio plantado,
Cada anel do meu passado
Faz da terra um chão inteiro,
O meu rastro verdadeiro,
Bem debaixo do calçado.

Sob o chão desta cidade,
Guardo sementes e ninhos;
Há floresta nos caminhos
Respirando noutra idade.
Não sou ruína ou saudade,
E na mais estreita fresta
A raiz se manifesta;
Onde a rua vê vazios,
Correm meus antigos rios,
Pois no fundo sou floresta.

3º LUGAR

QUEM QUER SER ROCHA PARA SEMPRE?

Deco Sampaio

Somos rocha encoberta de líquen,
cada vez menos rocha e mais solo,
cada vez menos solo e mais floresta,
rocha que ondula no tempo de todos e de ninguém.
Lamento pela rocha que não se desmancha,
que não cria poros em seu fundamento.
Quem fica rocha para sempre:
Fica solo fraco,
floresta vazia,
acaba duro e sem vida.
Enalteço as rochas que, no enfraquecer, engrandecem-se.

DESTAQUE DO INSTAGRAM

Me despir

Tirza Teixeira Brito

Me despir — é também o que faço com as cascas da árvore de pitanga no quintal de casa.

Um querer constante de organizar o emaranhado de incertezas da vida.

Contemplar a vida do alto dessa árvore me lembra que ela não precisa — e talvez nem seja — tão complicada.

O som da vida acontecendo:

os cachorros da rua da frente latindo,

os carros na avenida a duas quadras,

um avião sobrevoando a casa,

vídeos ecoando dos celulares,

o vento atravessando os galhos e me puxando para a sua valsa,

alguém batendo palmas ao longe — talvez uma entrega —

e então o latido de meia dúzia de cães responde,

pássaros conversam entre si,

e o sol faz sua maquiagem na folha de papel na minha mão.

Esse é o som da vida

quando se para para observar.

Tirza

pedaços de mim

Victor Kshesek Pizarro de Oliveira

venho contar de uma velha colcha de retalhos
trazida pelos meus avós, que de longe vieram para esta terra
Que de desconhecido povoado, inventaram sobrenome, para se
esconder da guerra

história de minha família, de minha bisavó, agricultora e meu bisavô,
maquinista de ferrovia.

Foi na empresa do patrão, de madeira e colonização
da exploração de quilométrica concessão

de tudo o que ali existia
que assim também,
um pedaço de mim se constituía

Era meu bisavô que operava as locomotivas,
que carregavam tão nobres madeiras
com as quais o mundo se construía.

A história sempre se repete, não importa a nação,
foi assim que sobreviveram meus antigos,
nas migalhas do sonho do patrão.

destas madeiras para minha família, nada sobrou.
meu avô, homem de valor, de tudo fez para criar sua família,
nas terras de Curitiba comprou uma velha casa de madeira,
aquelas mesmas madeiras que seu pai carregou.

desmontou, tirou os pregos e cortou,
aos poucos uma nova casa construía,
casinha de minha avó,
onde nasceu e cresceu mamãe.

daquele chão feito de retalhos de pedra que meu avô, pedreiro,
no descarte da marmoraria conseguia
se fez o caminho por onde eu seguiria.

na casa onde viveu minha família,
do velho xaxim e da formosa jabuticaba,

eu ainda pequeno e a vida já me ensinava,
toda vez que sobre aquela costura de pedras eu brincava.

meu avô se foi cedo, fruto do pesado trabalho
do qual a minha família até hoje se cobre,
desta mesma colcha de retalho.

foi então minha avó quem me pegou pela mão
que de muitas coisas me ensinou o valor,
que de retalhos de barbante, fazia colchas,
aos poucos entendia que isso se chamava amor.

hoje os tempos se passaram, a casa de minha avó,
assim como ela, viraram só saudade,
ainda bem que também estive ali em sua tão breve passagem.

desmontada a casa, se libertou a memória
Os velhos caibros remendados, contam a história
trazem consigo a lembrança de muitos passados,
ainda hoje carregam a marca dos velhos pregos,
que há décadas por meu avô haviam sido tirados.

Eu juntei aquelas velhas madeiras, decidi resgatar o que pude para
mim,
isto que hoje, são apenas velhos pedaços de madeira devorados pelo
cupim.

Para os pobres do mundo, é o que nos resta enfim,
mas foi nessa mesma colcha de retalhos em que costurei os pedaços
de mim.

Que mundo é este?

Victor Kshesek Pizarro de Oliveira

erguem-se as cortinas,
quem puxou as cordas?

os tempos são cruéis, ou melhor, o tempo,
pois este é a cada instante, mais curto.

assombram-nos as tempestades, levando casas, sonhos, vidas e
histórias,
do outro lado, a seca castiga uma terra arrasada.

Os ventos uivantes são cortados por enormes pás de usinas eólicas,
Dona Maria que ali viveu desde que nasceu,
nunca foi perguntada sobre o empreendimento implantado no quintal
de sua casa.

De longe o ruído de data centers, queimam e assobiam,
secam os rios e geram confusão

não tinham desviado o mesmo rio
para atender a soja e sua expansão?

chove lá fora em um dia, o que em outras terras, não chove em um
ano,
a desigualdade promovida pelo homem extrapola as fronteiras
sociais.

Mas o que são as outras terras d'onde chove lá fora?

se a Terra é uma e fora dela ainda nenhuma pessoa atreveu-se a
ficar...

pisam na lua assim como pisam nos pobres,
que ajoelham-se para juntar as migalhas do chão,
a crise é da civilização.

o meio ambiente já está dividido,
metade para os donos do mundo e a outra metade para eles
também.

Foi cortado ao meio por enormes tratores, que amarrados entre si, formam quilométricas frotas arrastando toneladas de correntes por cima das matas.

as cidades transbordam em água, alagamentos levam casas inteiras, nestas mesmas cidades, crianças bebem e banham-se nas águas do esgoto.

na torneira das casas que restaram, à muito custo, a água potável vem carregada com dezenas de agrotóxicos, venenos e contaminantes que não se sabe de onde vem, não se sabe para onde vai.

o peso do mundo é muito grande para carregar nas costas, faço parte dos condenados.

da geração que nasceu no mundo em que as condições são ao mesmo tempo as melhores e as piores da história.

Procurei por palavras boas, mas não encontrei palavras belas,

foram essas as que me encontraram nas angústias de um mundo em ruínas, soterrado debaixo dos escombros, estão os sonhos da minha geração.

nossa esperança no mundo não vem de uma espera, vem de um esperar, de uma busca quase incessante por um futuro, que como fumaça escorre por nossos dedos.

que frios são os ventos que sopram sobre nossas cabeças acima delas, um céu, previsivelmente imprevisível, com nuvens cinzas, carregadas e afiadas como facas.

como uma forte trovoada ouve-se o estrondoso som de uma guilhotina.

fecham-se as cortinas quem soltou as cordas?

o conhecimento nos compromete e poucos são os que ousam saber.

Reconexão

Priscila Pedron

Esse globo azul e verde
Que em torno do Sol orbita
É lar para todo tipo de ser
É casa para a vida que nele habita

Cada criatura em sua existência
Tem seu propósito e sua função
E todos juntos formam um ecossistema
Uma rede de conexão

O equilíbrio é a chave
Para que tudo esteja no lugar
Se cada um consome apenas o necessário
Nada nunca irá faltar

Mas uma das criaturas
Aquela com maior cognição
Mudou sua forma de viver
E iniciou um ciclo de exploração

Já não sabia mais o seu lugar
Não se sentia parte do todo
Queria apenas consumir
Sem se preocupar se os recursos viriam de novo

Pensando em seu próprio bem
Queimadas e desmatamento era o que queira fazer
E os seres que tinham a floresta como lar
Quando viam a devastação chegar
Não tinham tempo nem de se proteger

A destruição virou rotina
A desconexão com o ambiente ficou cada vez maior
Ver a natureza apenas como um recurso
Faz a saúde do planeta se tornar cada dia pior

Neste cenário desolador
A natureza decidiu trazer uma reflexão

Como o ser humano se sentiria
Ao perder tudo e ficar sem chão?

Os desastres ambientais não pedem licença
Não avisam quando vão chegar
E mesmo que seja possível prever a sua ocorrência
É difícil diminuir os estragos que vão causar

Ciclone, terremoto, inundação,
Tornado, queimada, enchente,
Diante destes fenômenos de tão veloz destruição
O ser humano experimenta a sensação de estar impotente

Sensação diga-se de passagem
Que muitos seres vivos já tiveram que experimentar
Quando, por causa da ação humana,
Viram a floresta, que era sua casa, acabar

Pode ser que neste momento
Vendo que o desequilíbrio do planeta lhe é prejudicial
O ser humano finalmente compreenda
O quão importante é tratar todas as formas de vida como igual

Respeitar a natureza e se sentir parte dela
É o primeiro passo para a reconexão
Cuidar desta casa, deste organismo vivo que é o Planeta Terra
Deve ser para todos um dever e uma obrigação

TERRITÓRIO VIVO, CÉU SEM DONO

Augustto Flavio D'Moraes

*

Guará vermelho
sobre o mangue cercado
mapas no chão

**

Abre-se o voo
nenhuma cerca alcança
o céu sem dono

Guará no céu
o mangue apaga os mapas
resta o território

Guará vermelho
o homem risca a margem
mapas no mangue

Levanta-se o voo
a linha fica no chão
céu sem fronteiras

Guará sobre o mangue
a maré desfaz o mapa
território vivo.

Ordenho

Marcelo Passos

Começo o dia ordenhando
Primeiro eu de mim mesmo
Na meditação
Depois ordenho a alma
Retirando-lhe a poesia acumulada
Então
O leite das vacas no curral.
No final do dia
Desordenho
Misturo tudo novamente
Lácteo na Via Láctea!

Pirilampo

Marcelo Passos

sempre chamei de vagalume
ontem
virou pirilampo
pirilampo pirilampeando
achei um bichinho contraditório
vive sob a proteção da noite
mas fica piscando
chamando a atenção
pensei nas reações bioquímicas, bioluminescentes
mas pouco durou
encontrei relações biopoéticas
brilha intermitente para amar
cheio de amor, queima, pisca
não lhe é escolha a escolha da pirilampa
assim fica se revelando um tanto
se escondendo o outro tanto
se enche de luz
se inunda de escuridão
pirilampo se apaixona assim,
com sua luminosidade
mas também com sua sombra
está apaixonado mesmo antes de encontrar por quem se apaixonar
e apesar de todo este esforço masculino
deste queimar interior

precisa ser escolhido, não escolhedor
ser convidado para o sonho da pirilampa

Outono

Marcelo Passos

estação esquecida

Olhava

primavera com flores,

verão com sol,

inverno com frio.

Outono, um nada

um espaço de espera.

Algo pendurado no tempo

Feito o momento

onde nada mais se fará no dia

e o sono avisa a breve chegada

não é mais dia

não é ainda noite

Assim o outono

Passei rápido

desperdicei meu tempo

estava querendo viver com menos do que a vida me dava.

No silêncio,

Nesta pequena montanha onde moro

o vento veio me alertar

do meu esquecimento

todo dia me soprava um pouquinho mais de frio

Pude então perceber

os mais belos nasceres de sol

se as plantas estão encerrando seus ciclos

virando palha

certeza é

suas cores

são guardadas neste céu de outono

Das colheitas

sobrou-me no outono, as frutas sábias

aquelas que meditam por mais tempo em suas árvores

antes de me darem resposta suculenta
para o estômago
para a alma

Outono!
Envelheci
coloquei em minha vida
mais este tempo
que não havia ainda computado

Mesmo que fosse possível

Marina Wille

captar seu perfume,
não seria este que sinto.
Mais do que jasmin,
essa flor-estrela me transporta,
no tempo e no espaço,
para a casa de minha avó:
Universo-infância.

O despertar de um limoeiro.

Marina Wille

Foram 4 anos e meio de espera. Eu mesma plantei. Acompanhei os primeiros e enésimos brotos, pulgões, cochonilhas. Tratei, adubei, podei, me espinhei, conversei. Por 2 vezes quase cortei tudo, por não haver retorno em forma de frutos. Decidi respeitar. Esperar. A natureza tem seu curso, seu tempo e seu jeito de prover lições valiosas àqueles dispostos a observar, sentir e refletir. O limoeiro, que crescia tímido, teve companhia esse ano. O pé de maracujá tomou seus galhos emprestados em busca de sol e suporte. O limoeiro, para não sufocar, buscou suas forças dormentes e decidiu despertar. Esse foi o primeiro ano em que se lançou ao crescimento vertical e, enfim, alcançou o sol! Não sei se foi esse encontro luminoso que o fez desabrochar (ou desabotoar, como diria a Sofia). Sei que o tempo chegou! Botões cor-de-rosa sublimes enfeitam seus galhos e anunciam uma nova temporada de frutos. Agora, a paciência continua necessária, mas o tempo de espera se torna mais pleno!

Se engana quem acredita no ditado

Marina Wille

Se engana quem acredita no ditado "quem planta, colhe". O reducionismo e simplificação da causa e consequência desse dizer popular não fazem juz à real dimensão do trabalho que se tem para colhermos os frutos da nossa labuta. Eu mesma plantei esse limoeiro. Foram 5 anos e meio de cuidados. Inúmeras geadas, regas, adubos, pesticidas naturais feitos em casa, conversas e mais conversas (sim! conversei com as plantas!). No último ano, ele espichou e deu flores pela primeira vez. De agosto de 2021 a maio de 2022, flores deram lugar aos frutos. Alguns sucumbiram - caíram sem nunca crescer. Outros não aguentaram o processo de amadurecimento e apodreceram. Lagartas vieram, dizimaram todas as folhas do topo. Fiquei braba. Oq parecia algo ruim, possibilitou mais sol aos frutos de baixo. A chuva veio. Enfim, o tempo de colheita chegou. Frutos maduros, suculentos e absolutamente maravilhosos completam o ciclo desse limoeiro-filho em sua primeira infância. Felicidade!! Colher, afinal, é um misto de intenção, cuidado, nutrição, proteção e paciência - muita paciência. A natureza ensina que tudo vem a seu tempo.

ÁRVORE DA VIDA

Deco Sampaio

Quando dela despenca um galho,
parte de sua raiz morre com ele.
Para a luz, ela estica ramo por ramo,
mas a cada parte caída ela pende,
aproxima-se para perto do chão.
Ela quer fugir das sombras de outras vidas,
dominar o dossel e florescer;
no alto, acolher belas orquídeas,
do chão, sorver a seiva que a faz crescer,
ser o ser que vive nas alturas.
Tudo que dela despenca,
tudo que morre em seu viver,
no solo aos poucos desmancha,
ajudando outra vida a aparecer.
Nela tudo é verde-marrom, sem derrota;
Caída, ao fim, no chão ela apodrece.
Que bom, teve uma vida nada pequena.

CURA

Deco Sampaio

Em certos momentos,
me vem uma onda
de melancolia.

As cores não são mais cores;
tudo é ilusão.
O seu olhar fica vazio.

As coisas belas que eu via
transformam-se em dor.
Nem perdão parece existir.

Toda a sujeira do mundo transborda
e me afoga —
até eu não mais sentir.

Mas o vento vem
e sussurra lindas verdades.
O sol faz delas imagens.

A noite faz do escuro, sonhos.
A lua traz outros mundos.

E me apaixono
por novas saudades.